

O Rio e a Floresta no Caminho da Escola: um Estudo de Caso na Escola Rio Ariramba, Comunidade Vila Betel, Mazagão/AP

The River and the Forest on the Way to School: a Case Study at the Rio Ariramba school, Vila Betel community, Mazagão/AP

Andrezza Fabyelly Rodrigues de Almeida^a; Marlon Wenderson Souza de Souza^a; Rômulo Martins da Conceição^a; Leandro de Freitas Pantoja^b; Elivaldo Serrão Custódio^{*cd}

^aInstituto de Ensino Superior do Amapá. AP, Brasil.

^bUniversidade Federal do Amapá. AP, Brasil.

^cUniversidade do Estado do Amapá. AP, Brasil;

^dUniversidade Federal do Amapá, Programa de Pós-Graduação em Matemática. AP, Brasil.

*E-mail: elivaldo.pa@hotmail.com.

Resumo

A comunidade ribeirinha Vila Betel está localizada ao longo do rio Ariramba, na margem esquerda do rio Amazonas, no intercurso da Reserva Extrativista do Rio Cajari (RESEX) no sul do Estado do Amapá, distante cerca de 50 km da sede do município de Mazagão/AP, sendo o acesso somente por via fluvial. O presente artigo tem como objetivo descrever e discutir as práticas educativas desenvolvidas na Escola M.E.F. Rio Ariramba ao longo do segundo semestre letivo de 2021, expondo os desafios enfrentados pela escola durante a suspensão das atividades presenciais no contexto da pandemia de Covid-19. A pesquisa deu especial atenção para o contexto social e cultural da comunidade (seus modos de vida, sobrevivência, a paisagem natural, os rios e a floresta), no intuito de melhor compreender a influência do meio social e ambiental na organização e funcionamento da escola. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo de caso do tipo etnográfico de natureza qualitativa, resultante de observação participante e de diálogos informais realizados com alguns comunitários locais mais antigos. Os resultados revelaram que a escola, apesar da pandemia e de localizar-se numa região de difícil acesso no interior da floresta amazônica, empreendeu todos os esforços para manter a interação com os educandos e suas famílias, adotando estratégias pedagógicas que viabilizaram a continuidade dos estudos mitigando a evasão e o atraso escolar.

Palavras-chave: Educação Ribeirinha. Prática Educativa. Pandemia.

Abstract

The riverside community Vila Betel is located along the Ariramba River, on the left bank of the Amazon River, at the intersection of the Cajari River Extractive Reserve (RESEX) in the south of the State of Amapá, approximately 50 km from the seat of the municipality of Mazagão/AP, with access only by river. This article aims to describe and discuss the educational practices developed at Escola M.E.F. Rio Ariramba throughout the second academic semester of 2021, exposing the challenges faced by the school during the suspension of in-person activities in the context of the Covid-19 pandemic. The research paid special attention to the social and cultural context of the community (its ways of life, survival, the natural landscape, rivers and forest), with the aim of better understanding the influence of the social and environmental environment on the organization and functioning of the school. From a methodological point of view, this is an ethnographic case study of a qualitative nature, resulting from participant observation and informal dialogues carried out with some older local community members. The results revealed that the school, despite the pandemic and being located in a region of difficult access within the Amazon forest, made every effort to maintain interaction with students and their families, adopting pedagogical strategies that enabled the continuity of studies mitigating school dropout and delay.

Keywords: *Riverside Education. Educational Practice. Pandemic.*

1 Introdução

O Brasil pós constituição de 1988 avançou muito no âmbito da oferta de escolarização básica de sua população, no entanto é inegável que as escolas públicas da zona rural tenham tido um baixo índice na melhoria da qualidade do ensino, em grande medida motivado pelo descaso ou omissão do poder público.

Os problemas e as desigualdades educacionais nas escolas do campo se tornaram ainda maiores no início do ano de 2020, quando foi decretado estado de pandemia global pela Organização Mundial da Saúde (OMS) devido ao surgimento do novo coronavírus causador da Covid-19.

No âmbito da realidade da educação do campo/ribeirinha na Amazônia amapaense, especificamente na Escola M.E.

F. Rio Ariramba, localizada numa pequena comunidade no interior do município de Mazagão-AP, a pandemia precarizou ainda mais a vida nada fácil dos educandos ribeirinhos e seus familiares e dos agentes educacionais envolvidos diretamente com a escola.

Com a suspensão das aulas presenciais a escola se viu com muitos desafios e poucas alternativas capazes de assegurar o pleno direito a educação dos estudantes. O presente trabalho traz a lume esses desafios e a difícil realidade dessa escola ribeirinha no contexto da pandemia de Covid-19 em meados do ano de 2021.

A fim de atingir os objetivos propostos se fez necessário uma pesquisa de campo na comunidade ribeirinha de Vila Betel, onde escola objeto da pesquisa se localiza, investigando

questões socioeconômicas, históricas, culturais e educacionais no intuito de contornar as seguintes problemáticas: como a escola e os docentes estão desenvolvendo as atividades pedagógicas no contexto de ensino não presencial?

Como os professores e a escola estabelecem a interação e o acompanhamento pedagógico com os alunos? Como se dá o planejamento das aulas e a avaliação escolar, tendo em vista que a escola e os alunos não dispõem de recursos tecnológicos para aulas remotas e os discentes moram em lugares de difícil acesso e distantes da escola?

Dessa forma, em face dos objetivos da pesquisa o estudo de caso do tipo etnográfico aplicada a educação escolar foi a opção metodológica mais adequada. Nesse sentido, o trabalho tem como aporte as considerações teóricas e práticas de André (2008) sobre esse tipo de pesquisa.

Segundo André (2008), o estudo de caso do tipo etnográfico é um estudo focado nas singularidades de determinado fenômeno educacional, utilizando os princípios da etnografia tais como: coleta de dados, descrição e observação sistemática e correlação entre objeto e contexto de estudo.

Para a autora, não se trata de uma etnografia propriamente dita, mas sim de adaptações metodológicas em decorrência do pouco tempo de permanência do pesquisador no local a ser estudado, ou seja, o estudo de caso do tipo etnográfico é a adaptação da etnografia a um estudo de caso específico.

O presente artigo tem como objetivo descrever e discutir as práticas educativas desenvolvidas na Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F.) Rio Ariramba no segundo semestre de 2021, expondo os desafios enfrentados pela escola durante a suspensão das aulas presenciais no contexto da pandemia de Covid-19.

O levantamento e registro das informações atinentes aos aspectos históricos, culturais, econômicos e sociais da comunidade foram viabilizados através de observações diretas e anotações, digitalização de alguns documentos oficiais e pedagógicos, fotografias e diálogos informais com alguns moradores locais mais antigos.

Ademais, procurou-se destacar o contexto social e cultural da comunidade, os modos de vida local e sobrevivência, o rio e a floresta (natureza) de maneira a melhor compreender a influência do meio social local na organização e funcionamento da dinâmica escolar.

Ao escolher pesquisar a realidade escolar da comunidade em tela, ressalta-se a relevância do estudo para a compreensão sistêmica das desigualdades educacionais provocadas pela pandemia, especialmente entre as escolas ribeirinhas do interior da floresta amazônica.

2 Material e Métodos

A pesquisa foi desenvolvida no segundo semestre do ano de 2021, no rescaldo da Pandemia de Covid-19. Em nível local, os gestores da educação pública no Amapá começavam a colocar em prática um plano para a retomada gradual das

aulas presenciais nas unidades públicas de ensino, processo que se deu em meio a controversas e críticas, sobretudo da classe docente.

O estabelecimento de um plano como esse refletiu, por um lado, as desigualdades educacionais na região aludida, especialmente entre as escolas do campo e as situadas nas margens dos rios no interior da Amazônia amapaense.

Foi nesse contexto que a investigação se deu. De posse de algumas hipóteses e de alguns contatos de membros da comunidade e da escola, os pesquisadores se dirigiram para a sede do município de Mazagão e depois embarcaram para a comunidade ribeirinha de Vila Betel em busca do material empírico necessário a pesquisa.

Foram duas semanas intercaladas entre os meses de setembro e outubro de intensas atividades sob o forte calor amazônico. O curto processo de pesquisa compreendeu basicamente: a) observações empíricas da dinâmica social e cultural da comunidade, com produção de registros escritos, fotográficos e audiovisual.

Utilizou-se as mesmas técnicas para levantar os dados relacionados a realidade da escola. Isso permitiu a vivência da vida local, tendo contato com seus costumes, tradições e os sistemas de crenças e valores de uma comunidade essencialmente evangélica; b) realizou-se diálogos e conversas informais com algumas pessoas que gentilmente colaboraram a pesquisa.

O critério de escolha se deu a partir do longo vínculo com a comunidade. Assim, optou-se primeiramente em dialogar com os moradores mais antigos que testemunharam as origens da comunidade e da escola, tomando suas memórias como fonte histórica para melhor compreender os processos de mudanças e continuidades ocorridos na região, tendo vista a falta de registros escritos oficiais.

A entrevista semiestruturada também se fez necessário em face de outros objetivos, como a que foi realizada com professores e outros profissionais da escola e da comunidade, como no caso de um agente comunitário de saúde que falou sobre os impactos da pandemia na comunidade e na escola. Esses colaboradores aparecerem no trabalho na condição de anônimo.

Suas falas foram analisadas de acordo com a pertinência das informações para explicar determinados aspectos do trabalho, como no caso da história da comunidade. Junto de um professor, os pesquisadores tiveram a oportunidade de vivenciar a entrega das atividades nas casas dos alunos ao longo do rio Ariramba, momento de maior imersão na realidade educacional ribeirinha naquele momento crise sanitária.

É importante ressaltar que a pesquisa atendeu todos os procedimentos éticos para a execução da pesquisa, conforme postula a Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e Resolução n. 510/2016 - Pesquisas nas áreas de Ciências Humanas e Sociais aplicadas.

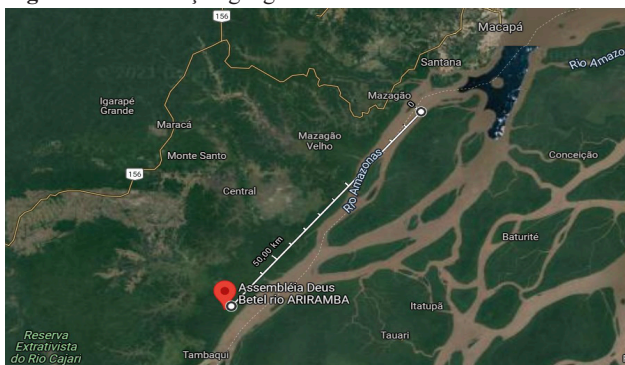
3 Resultados e Discussão

3.1 Aspectos históricos da comunidade ribeirinha Vila Betel

A comunidade ribeirinha Vila Betel está localizada ao longo do Rio Ariramba (o nome da comunidade vem de uma espécie de ave coraciiforme da família dos alcedínidos muito comum na região (Cunha, 1999), na margem esquerda do rio Amazonas, na região da Reserva Extrativista do Rio Cajari (RESEX), distante cerca de 50 km da sede do município de Mazagão.

Como mostra a Figura 1, o acesso a comunidade se dá somente por via fluvial, demandando entre cinco e sete horas de viagem, dependendo do porte embarcação utilizada e a potência do seu motor. Na região da Resex do Rio Cajari o clima é tropical úmido, com poucas variações climáticas. O período entre outubro e novembro, época em que a pesquisa de campo foi realizada, é o mais quente, ou seja, é o auge do verão amazônico, e entre fevereiro e abril a temperatura é mais amena (Drummond, 2004).

Figura 1- Localização geográfica da comunidade



Fonte: Assembleia Deus Betel rio Ariramba - Google Maps, 2021.

A comunidade se encontra em um ambiente amazônico, na floresta de várzea, logo, é um espaço que sofre a influência direta do ciclo das marés, isto é, do movimento sazonal de enchente e vazante das águas dos rios. Em 2021 a localidade contava com cerca de 132 famílias estabelecidas, totalizando pouco mais de 500 habitantes, de acordo com o relato de um agente de saúde comunitário.

A comunidade foi fundada no ano de 1973 tendo como fundadores os senhores Davi Nunes Maciel e Natanael Nunes de Oliveira. No entanto, segundo disse um morador local – um dos pioneiros e que ainda reside na comunidade – antes da sua fundação oficial já havia famílias estabelecidas ao longo do rio Ariramba, porém as casas, pobres e rústicas cobertas com material da floresta, se encontravam muito distante uma das outras, não havendo ainda o senso de comunidade e pertencimento. Vejamos o depoimento de um interlocutor entrevistado, testemunha ocular das origens do lugar:

Antes de ter esse monte de casa aí tudo junto, era só umas ali na boca do rio e outras lá pra cima no rio, tudo dava umas vinte e pouca casas que tinha, tinha umas outras, mas já era muito lá pra cima, lá onde pega o lago já, que é onde a pessoa faz farinha pra

lá. Mas que aqui mesmo era só esse pouquinho mesmo, tudo com coberta de palha ainda. [...] (Entrevistado 01).

Seu Natanael e seu Davi em uma reunião mobilizada com os moradores que residiam na beira do rio Ariramba naquela época, questionaram a importância de se formar uma vila de casas para, futuramente, fundar uma comunidade na intenção de auferir benefícios para melhorar as condições de vida das famílias ribeirinhas da região. Com o apoio do senhor Pureza, prefeito do município de Mazagão na época, os moradores receberam um loteamento medindo 40 metros de largura e 15 metros de comprimento para o estabelecimento da nova vila.

No entanto, apenas oito famílias concordaram em fazer parte da comunidade, as demais famílias demonstraram receio em participar por medo de não se adaptarem a vida comunitária, uma vez que já estavam bastante acostumadas a um modo de vida próprio, vivendo uma rotina de pouco contato social em suas residências e trabalhando no próprio pedaço de terra, de acordo com seu tempo e necessidade. Sobre isso, narrou o entrevistado 1:

Logo que falamos da ideia de fazer a comunidade, não foi todo mundo que quis não! uns dizia que esse negócio de morar um do lado do outro não ia prestar não! era melhor do jeito que estava cada um com a casinha onde já tá mesmo, e que é melhor pra todo mundo. Eu e o Davi falava pra eles que o prefeito ia ajuda nós a fazer as casas, mas eles não acreditavam não, diziam que era só aquele instante que ele ia ajuda depôs ia esquecer (Entrevistado 1).

Para realizar a limpeza dos loteamentos, somente oito famílias a princípio concordaram em viabilizar a construção da vila, contudo, ao notarem a mobilização das primeiras famílias e o interesse do prefeito na limpeza dos terrenos, as demais famílias que estavam receosas foram se interessando e somando esforços na fundação da nova comunidade. Assim, as primeiras dezesseis casas foram construídas com verba federal que, segundo o seu Davi, foi repassada aos moradores através de um projeto de fomento. O governo federal fazia a entrega de todos os materiais e insumos (tábuas, telhas, tinta, prego etc.) necessários para a construção das moradias da comunidade emergente.

Poucos anos após a fundação da comunidade de Vila Betel, os moradores receberam da prefeitura de Mazagão um conjunto gerador de energia elétrica, se tornando assim uma das raras comunidades ribeirinhas com energia elétrica naquela época, proporcionando aos moradores melhor qualidade de vida. Segundo falou um interlocutor e antigo morador da comunidade, antes da implantação do “motor de luz” (como se referiam ao conjunto gerador de energia), eles padeciam com velhas lamparinas que funcionavam como uma tocha alimentadas a óleo diesel.

Figura 2- Comunidade Vila Betel 2021



Fonte: os autores.

A implantação de energia elétrica na comunidade foi um fator de grande estímulo para que mais famílias, inclusive as que não moravam no rio Ariramba, se juntassem a nova comunidade fomentando o seu crescimento e desenvolvimento. Hoje em dia Vila Betel é uma das maiores comunidades da região e a mais desenvolvida, sendo uma das poucas que dispõem de infraestrutura de passarela de concreto com 380 metros de extensão, e outra em madeira medindo pouco mais de 200 metros. Segundo disse o agente de saúde da comunidade, 132 famílias residiam na comunidade em 2021.

3.2 Aspectos culturais, religiosos, econômicos e sociais da Comunidade Vila Betel

As populações ribeirinhas são populações tradicionais que se constituíram socialmente no decorrer da história amazônica e tem sua cultura fortemente enraizada nas tradições, costumes, nos mitos e lendas, nos saberes e fazeres, na memória/oralidade construídos no decorrer do tempo, os quais estão diretamente entrelaçados a identidade do povo das águas que “é vista como autêntica, o ribeirinho original que ainda não teve sua identidade sufocada pela globalização” (Silva, 2017, p.8).

Esse grupo social depende diretamente da relação com a natureza para manter sua existência e seu modo de vida peculiar. A agricultura, a pesca artesanal, o extrativismo e a criação de animais (principalmente galinhas, patos e porcos) são exemplos dos meios pelos quais esse grupo social obtém os recursos alimentares e econômicos. A vida social e a mobilidade de pessoas e de coisas na comunidade são em grande medida influenciada pela dinâmica das marés com seu ciclo de cheia e vazante, da sazonalidade climática amazônica e do tempo biológico de reprodução dos bens naturais.

A comunidade de Vila Betel tem um grande diferencial em relação as demais comunidades da região, pois atualmente ela não está mais totalmente presa a uma “expressão tradicional” de comunidade ribeirinha, mas está, segundo Fraxe (2004, p.295-296):

Mais ligada à conservação dos valores decorrentes da sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de longe

a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera onde o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural.

Ela ainda mantém essa relação homem-natureza muito presente no seu dia a dia, porém não tão forte como era no passado, a cerca de vinte e cinco anos, quando o ribeirinho dependia direta e exclusivamente do rio e da floresta para sobreviver num cenário de pouca concorrência humana.

Esse modo de vida (genericamente, o modo de vida ou gênero de vida é uma categoria de análise utilizada para designar o conjunto de ações desenvolvidas por um determinado grupo humano a fim de assegurar a sua existência) nos últimos tempos tornou-se inviável devido ao contínuo crescimento populacional da comunidade de Vila Betel, o que implicou na demanda cada vez maior de consumo de produtos da natureza, consumo este que se via incompatível com o modelo de reprodução social típico da vida ribeirinha que caracterizou as origens da comunidade na década de 1970. Ultimamente os moradores têm buscado adaptar-se a essa nova realidade social e cultural (Canto, 2009).

Segundo disse um comunitário, em virtude do crescimento populacional decorrente da emigração de pessoas da cidade em direção a comunidade e a consequente “invasão tecnológica”, a tradição da vida ribeirinha no interior dessas comunidades vem se perdendo gradativamente, fato que se observa na própria comunidade Vila Betel em relação ao contínuo distanciamento que as novas gerações vêm estabelecendo em relação as origens identitárias do caboclo e ribeirinho.

Com isso “podemos perceber que o ribeirinho não está estático no tempo, embora mantenha suas práticas tradicionais, ele recebe influências diversas da sociedade moderna” (Silva, 2017, p.10). Afinal, ter um celular, internet e outros bens tecnológicos são critérios para não ser mais ribeirinho, mesmo morando na beira do rio?

Por meio de observações feitas na comunidade notamos que a cultura da pesca e da caça está sendo aos poucos esquecida, pois notamos a existência de três estabelecimentos comerciais onde se comercializa desde materiais de construção a alimentos industrializados, não cedo mais necessário o caboclo ir em busca do alimento na natureza, bastando comprá-lo na venda da esquina.

Tal condição só foi possível graças ao acesso à energia solar que se tornou viável através da implantação de painéis solares, por meio do Programa Energia Para Todos do governo federal, que instalou em cada residência um conjunto de placas solares disponibilizando energia 24 horas por dia aos populares.

Identificamos que em quatro residências havia acesso à internet, muito embora precário, mas um grande avanço para a comunidade que, outrora, jamais sonhou com tal possibilidade. A internet favoreceu sobretudo a comunicação com pessoas e instituições da cidade, na busca de informações

e serviços públicos e nas trocas comerciais.

A comunicação que tradicionalmente se dava através do rádio a pilha e por recados levados por pessoas (escrito e falado), tornou-se mais fácil e rápida. Com toda essa modernização invadindo esse ambiente, observamos que a população da comunidade Vila Betel vem pouco a pouco se modernizando e adotando novos modos de vida e de sobrevivência.

O fenômeno religioso é um traço muito forte nas comunidades ribeirinhas da Amazônia historicamente. O catolicismo mais progressista de inspiração na Teologia da Libertação, teve grande influência na politização (Santos; Salgado; Pimenta 2012) e conscientização desses grupos no sentido da reivindicação e garantias dos seus direitos. No entanto, a comunidade de Vila Betel é exceção, pois é majoritariamente evangélica. De acordo com Oliveira (2012, p.77):

Trata-se de uma igreja vinculada ao movimento religioso Pentecostalismo. A fundação da Igreja Assembleia de Deus no Brasil repercutiu profundamente, principalmente na região Amazônica. A partir de 1918 o 'avivamento pentecostal' expandiu-se e dominou a vida religiosa dos Amazonenses.

Nos últimos tempos a igreja evangélica tem agido com grande influência no processo de formação teológica das comunidades rurais amazônicas, principalmente as ribeirinhas (Oliveira, 2012). E essa influência é bastante visível na comunidade Vila Betel. Observamos que essa população é bastante unida pelos laços de fé e religiosidade. Lá, a maioria das pessoas se consideram evangélicos.

Aliás o próprio nome da vila é inspirado na tradição cristã: Betel, em hebraico, significa Casa de Deus. Segundo informou um interlocutor, a comunidade sempre foi evangélica desde a sua fundação e sempre contou com o apoio de um pastor que se tornou a liderança religiosa da comunidade e passou a residir na mesma.

Outro fato notado pelos pesquisadores foi a edificação da nova igreja que está sendo construída pelos próprios fiéis, que revezam em turnos de trabalho voluntário. A igreja está sendo feita toda em alvenaria com colaborações financeiros dos próprios fiéis da comunidade.

Um outro aspecto interessante é a participação de toda a comunidade que reserva um pouco do seu tempo para trabalhar como voluntário na construção da igreja, que está sendo liderada por dois mestres de obras que vieram do município de Mazagão para trabalhar na construção da igreja. Segundo relatos dos moradores, a principal fonte de renda das famílias da comunidade é o extrativismo do açaí e a produção de farinha de mandioca nas roças que se encontram bem distante rio adentro.

Figura 3 - Lote de açaizal nas proximidades da comunidade



Fonte: os autores.

No entanto o carro-chefe é o açaí, que gera renda, trabalho, qualidade de vida e não pode faltar na dieta do ribeirinho. Segundo seu Waldir Viana, um dos fundadores da Associação de Produtores Agroextrativista da Reserva do Rio Cajari (RESEX-CA) onde a comunidade está situada,

O açaí representa uma parte da nossa vida, por que além de ser um alimento é de onde dá a maior fonte de renda da região ribeirinha, abaixo a gente lá a 8 anos atrás primeiro se falava lá no alto a castanha né, aqui na várzea em média a gente se falava em farinha de mandioca e um pouco de pescado. E hoje o açaí é a economia mais forte que a gente tem, tanto pra alimentação como pra gerar renda pra gente aqui.

Percebemos então que o açaí é considerado o “ouro negro” da Amazônia, sendo a principal fonte de renda e alimentação dos ribeirinhos. A produção dos açaizais se dá através do manejo das espécies nativas onde o ribeirinho limpa um determinado lote de terra que já possui alguns açaizeiros nativos e planta novas mudas, que leva de cinco a seis anos para dar frutos.

O açaí gera renda não só para o dono do açaizal, mas também para apanhador do açaí que é conhecido na região pela alcunha de “peconheiro”. O terceiro beneficiado na cadeia produtiva do extrativismo do açaí é o chamado passador ou atravessador, sujeito responsável por levar o produto natural até a fábrica e aos batedores de açaí (donos de lojas de venda do produto já beneficiado ao consumidor final nas cidades).

O açaí é tão presente no cotidiano e na economia da comunidade que observamos a comercialização do açaí em litros ali mesmo na localidade, com dois pontos de venda que funcionam o dia todo.

O que segundo informou um morador era algo impensável à cinco ou seis anos quando só se comercializava o açaí in natura que era vendido aos passadores de açaí. Esse é um exemplo da influência da modernidade na comunidade Vila Betel. Segundo o senhor Waldir, o açaí é um fruto que dá por safra, e uma safra dura em média seis meses, e o grande crescimento no extrativismo do açaí

Ao contrário de outras modalidades de extrativismo como a madeira, por exemplo, que há uma tendência ao

esgotamento, o extrativismo do açaí está em processo de crescimento, e as populações ribeirinhas cada vez mais avançam seu conhecimento sobre o manejo dos açaizais, aumentando desta forma a produtividade (Corrêa, 2014, p.5).

Com isso o manejo diário dos lotes de açaizais, está sendo possível manter a extração do açaí durante todo o ano, aumentando assim ainda mais a influência do açaí na economia e no cotidiano da comunidade vila Betel.

3.3 Aspectos pedagógicos e educacionais desenvolvidos na E.M.E.F. Rio Ariramba durante a pandemia de covid-19

A escola Rio Ariramba, pertencente ao quadro das Unidades Escolares da Secretaria Municipal de Educação de Mazagão-AP, foi criada no dia 24 de novembro de 1986, na gestão do prefeito de Mazagão Alcides Gomes dos Reis. A escola recebeu este nome por estar situada na margem direita do Rio Ariramba, Município de Mazagão, estado do Amapá, comunidade de Vila Betel.

Na ocasião em que a pesquisa foi realizada, a escola atendia o público da Educação Infantil, CBP I (Crianças Bem Pequenas) com 13 alunos, CBP II com 22 alunos, CP I (Crianças Pequenas) com 17 alunos, CP II com 16 alunos; e Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) com um total de 83 alunos, com uma variação de 16 a 18 alunos por turma.

A estrutura física da escola contava com seis salas de aula, dois banheiros, uma cozinha e uma sala que era dividida entre a coordenação pedagógica e direção escolar. Contava com um quadro de 28 funcionários, sendo nove professores, sete catraieiros (transportadores escolares), três trabalhadores de serviços gerais, três cuidadoras, quatro vigilantes e uma coordenadora pedagógica. Na ocasião a gestora da escola era a professora Janitéia Rodrigues Gomes.

Figura 4- Escola M.E.F. Rio Ariramba



Fonte: os autores.

No contexto de desenvolvimento da pesquisa vivíamos os impactos causados pelo surgimento da pandemia de Covid-19 em nível mundial, seja na indústria, no comércio, na saúde pública, bem como na educação em geral. Com isso, as escolas vinham buscando adotar estratégias eficazes visando a continuidade do processo de ensino-aprendizagem dos alunos de modo a minorar os impactos da suspensão das

atividades presenciais na escola causados pelo vírus.

Esse drama foi muito maior para os estudantes mais vulneráveis das escolas do campo e das áreas ribeirinha de nossa região, uma vez que muitos não dispunham de acesso à internet (alguns sequer tinham acesso à energia elétrica) e nem de recursos tecnológicos para acompanhar aulas remotas de casa. Aliás, as próprias escolas também não dispunham desse recurso tecnológico. Essas questões, entre outras, também já foram observadas por Souza *et al.* (2023) em suas pesquisas nessa região.

Assim, o educador teve de se adaptar a essa realidade desafiadora vivida pelo educando, pois conhecendo a sua vivência é possível encaixar-se no contexto escolar proporcionando um aprendizado eficaz e impactante. De acordo com Moura e Wizniewsky (2008, p. 511) o professor:

[...] deverá desempenhar o papel de mediador da aprendizagem mostrando caminhos, sem esquecer as diferenças, mas estimulando a criatividade, autoestima, contribuindo para o objetivo maior de seu trabalho, isto é, o desenvolvimento pleno do educando.

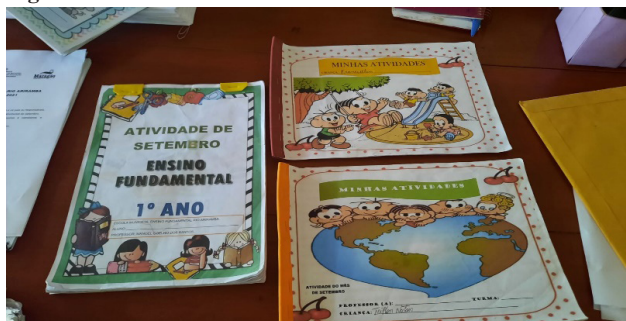
Porém, devido à grande rotatividade de professores nas escolas ribeirinhas, trazer a realidade do aluno para dentro da sala de aula tornou-se um desafio muito distante, pois acabam não tendo tempo de se adaptar ao local de trabalho e muito menos de conhecer e se apropriar da realidade social vivida pelo educando.

Também é comum a desistência de professores diante da precariedade da estrutura física e das péssimas condições de trabalho oferecidas, do acesso difícil e a dificuldade do transporte escolar das escolas rurais e ribeirinhas. Além disso, o distanciamento dos familiares que não residem nas comunidades são fatores que influem na permanência dos professores nestas escolas. Nas escolas ribeirinhas, devido à localização e o difícil acesso à internet e energia elétrica precária, os educadores tiveram que pensar em outra estratégia para que os alunos não fossem prejudicados, visto que

A dificuldade em estudar durante o período da pandemia pode ser uma fonte de ampliação de desigualdade no futuro. Estudantes que não puderam estudar durante esse período estariam em desvantagem em relação àqueles que puderam ter acesso ao ensino remoto (Vellar, 2021, p.6).

Com a falta de suporte tecnológico na comunidade de Vila Betel, as atividades estavam sendo desenvolvidas através de um planejamento focado na entrega de cadernos de estudos com atividades rigorosamente alinhados a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e no Currículo Prioritário Amapaense. Essas atividades estão sendo planejadas mensalmente pelos professores, com o auxílio direto da coordenadora da escola. A imagem abaixo mostra os cadernos de atividades que são enviados aos alunos.

Figura 5 - Cadernos de atividades dos alunos



Fonte: os autores.

Esses materiais didáticos eram entregues aos alunos pelos próprios professores, que se deslocavam da escola até a residência dos alunos, por meio dos catraieiros (transportadores escolares) que os conduziam de forma muito hábil em pequenas canoas (montaria) à motor rabeta, como mostra a Figura 6.

Figura 6 - Meio de transporte utilizados para a entre dos materiais



Fonte: os autores.

Essa medida se deu porque a maioria dos alunos matriculados na escola não residem na comunidade de Vila Betel, ou seja, moram em pequenas comunidades e lugarejos rio adentro (próximos as margens dos rios, dos furos e igarapés) em distâncias consideráveis da escola.

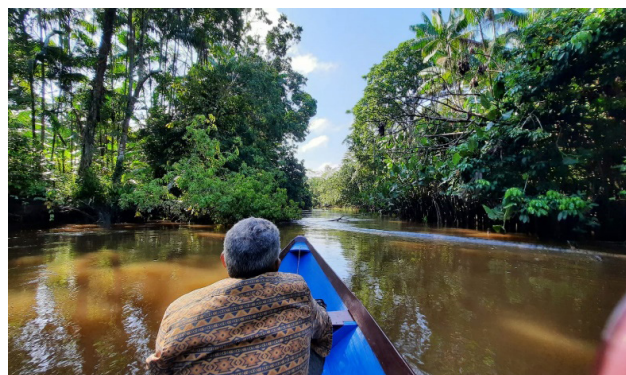
No intuito de vivenciar essa experiência de entrega dos materiais didáticos nas residências dos educandos, acompanhamos o professor Emanuel Coelho no trajeto de uma dessas entregas. Foi exatamente através dessa experiência empírica de navegação pelos rios da região, que constatamos que o professor enfrenta muitas adversidades para levar o conhecimento e o saber escolar até os seus alunos.

A maior dificuldade era quanto a periculosidade do percurso fluvial enfrentado pelo ele para chegar até a residência dos alunos com as atividades. Eis um bom exemplo de como a pandemia impôs a escola ribeirinha mais dificuldades e precariedade, acarretando prejuízos irreparáveis a aprendizagem e ao futuro dos educandos da beira dos rios amazônicos.

No percurso que fizemos com o docente foi possível observar situações inusitadas, como troncos de árvores atravessados no meio do rio obstruindo a nossa passagem. O catraieiro, muito hábil, se via obrigado a acelerar o motor

para que a canoa pudesse passar por cima do tronco. Em outros trechos do rio eram as “caídas” (árvores que caíam e ameaçavam cair na embarcação) que tornavam a viagem ainda mais arriscada e emocionante, como pode ser observado na Figura 7.

Figura 7 - Trajeto percorrido pelo professor na entrega de materiais



Fonte: os autores.

Observamos também que, em cada residência que o professor parava para entregar o material, ele aproveitava alguns minutos para ter o contato para orientar o aluno, abria o caderno de atividade e explicava algumas questões e tarefas, principalmente aquelas que, segundo ele, eram complexas demais para serem feitas sem o auxílio do professor.

No entanto, em algumas residências em que realizamos a entrega do material junto ao docente, o aluno não se encontrava. Quando o professor questionava a ausência do aluno, a mãe informava que ele estava no açaizal (na área de várzea) trabalhando com o pai (prática muito comum entre crianças ribeirinhas), o que na visão do professor contribuía para a dificuldade de avaliar esse aluno.

Sem o contato com os alunos como poderiam os professores realizar a avaliação da aprendizagem desses alunos? A escola foi orientada pela Secretaria Municipal de Educação de Mazagão a realizar essa avaliação através de relatórios qualitativos individuais feito pelos professores.

Nesses relatórios, os professores avaliam o desempenho e o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Os mapas de média é outro meio utilizado pelos professores para avaliar a aprendizagem dos alunos, esses mapas são feitos bimestralmente e ao final do ano letivo é realizado um mapa de média final desse aluno junto com relatório anual.

4 Conclusão

Ao longo desse estudo sobre a comunidade e a Escola M.E.F. Rio Ariramba ficou latente o quanto foi desafiador para alunos, professores e gestores dessa escola adaptarem-se a uma nova realidade educacional. Apesar de todas as adversidades decorrentes da pandemia e os problemas comuns a esta escola, foi assegurado as condições mínimas de acesso e permanência dos educandos na Escola Rio Ariramba.

A entrega de cadernos de atividades e o acompanhamento e avaliação individualizado na casa dos educandos por parte do docente, mostrou-se uma saída menos prejudicial a aprendizagem e a saúde dos alunos, já que a covid-19 ainda era uma realidade e as escolas ainda estavam fechadas.

No entanto, observamos o grande empenho por parte dos profissionais da educação, da comunidade Vila Betel que não mediram esforços para que os alunos tivessem acesso à uma educação básica com o máximo de aproveitamento possível, mesmo fora do ambiente escolar. Também vimos durante a pesquisa que o objetivo da escola em disponibilizar esse acesso à educação aos alunos ribeirinhos em meio a pandemia foi atingido.

Pois segundo a coordenadora da escola, mesmo com o distanciamento dos alunos do ambiente escolar, não se teve nenhum índice de abandono na escola. Isso significa dizer que o trabalho extremamente desgastante desenvolvido pelo corpo docente da escola, de ir até o aluno entregar as atividades e buscar esse contato com os alunos, está tendo um bom resultado e assim atingindo o objetivo que é manter um padrão educacional acessível a todos os discentes ribeirinhos.

Por fim, verificamos que os alunos tiveram assegurado as condições mínimas de acesso e permanência na escola ribeirinha, sem a ocorrência de evasão escolar, apesar da distância da escola e do pouco acompanhamento familiar; a escola conseguiu adotar estratégias próprias de ensino e avaliação satisfatória para os discentes.

Referências

- ANDRÉ, M.E.D.A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- CANTO; L. et al. (Org.). *Ribeirinhos do Mapuá*. Caminhos e lugares da Amazônia: ciência, natureza e territórios. Belém: GAPTA/UFPA, 2009.
- CORRÊA, R.B. *Do território recurso ao território abrigo: modo de vida e o processo de valorização do açaí no município de Cametá-PA*. Bol. Amaz. Geog., 2014.
- CUNHA, A.G. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1999.
- DRUMMOND, J.A. *Atlas das Unidades de Conservação do Estado do Amapá*. Macapá: IBAMA/SEMA-AP, 2004.
- MOURA, E. A.; WIZNIEWSKY, C. R. F. Educação Rural, Lugar e Saber Social: o caso dos distritos Passo do Verde e São Valentim, Santa Maria, RS. In: *ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA – ENGRUP*, São Paulo, p. 509-528, 2008.
- OLIVEIRA, L.C. *Vida religiosa ribeirinha: um estudo sobre a Igreja Católica e Evangélica no Amazonas*. 2012. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3359>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- SANTOS, C.; SALGADO, M.; PIMENTEL, M. *Ribeirinhos da Amazônia: modo de vida e relação com a natureza*. Disponível em: uniara.com.br. Acesso em: 18 nov. 2023.
- SOUZA, B.A.S. et al. Os desafios pedagógicos da Escola Ribeirinha Rio Bispo-Capitão, em Mazagão-AP, no contexto da pandemia de Covid-19. *Rev. Educ. Online*, v.18, n.44, 2023.
- SILVA, I.R. Modo de vida ribeirinho: construção da identidade amazônica. *VIII jornada internacional de políticas públicas*. 2017. Disponível em: mododevidaribeirinhoconstrucaoaidentidadeamazonica.pdf (ufma.br). Acesso em: 16 nov. 2023.
- VELLAR, C.M. Ensino remoto na pandemia: dificuldades e aprendizados. *Rev. Multidisc. Nordeste Mineiro*, v.1, p.1-14, 2021.